



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12806 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

ARTES E CRIAÇÕES CURRICULARES COTIDIANAS NO ESPERANÇAR DO RETORNO À DEMOCRACIA

Marcia Costa Rodrigues - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Talita dos Santos Malheiros Gregorio - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rafaela Rodrigues da Conceição - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

ARTES E CRIAÇÕES CURRICULARES COTIDIANAS NO ESPERANÇAR DO RETORNO À DEMOCRACIA

Resumo: Esse texto é uma conversa acerca dos trabalhos tecidos nas redes educativas das artes nos currículos escolares e nos tantos '*espaçostempos*' cotidianos. O encontro de três pesquisadoras nas suas experiências plurais de sensações e emoções durante o período de pandemônio político, social, cultural e sanitário. Ao desorganizar as certezas e as linearidades que tentam nos impor a todo instante, a pandemia do Covid-19 nos fez entender que a potência dos encontros, sejam eles virtuais ou presenciais, ultrapassam qualquer barreira e tentativa de controle de nossos '*corposmentes*', configurando as conversas, em especial, '*nascom*' as Artes, como importante caminho metodológico nas Pesquisas com os Cotidianos.

Palavras-chave: Estética, Arte, Cotidianos, Criações Curriculares, Redes educativas.

A partir de 30 de outubro de 2022 temos um horizonte de esperança com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais. Ecoamos fortemente um grito de alegria para fazer pulsar um coração acelerado e sedento por redecorar uma democracia

desmantelada e direitos civis destituídos, sabendo ainda das dificuldades a serem enfrentadas pelo governo recém eleito, uma vez que todo o legado fascista, de extrema-direita, representa quase 50% da população. Vislumbramos também uma possível estabilidade da pandemia causada pelo coronavírus que, após as vacinas, vem se tornando aparentemente controlável, com pouco risco de morte. Acontecimentos (DIAS, 1995) que chegaram para modificar consideravelmente nossos modos de *'fazerserestar'* no mundo e que, não esqueçamos, nos fizeram sentir na pele e na alma a instabilidade da vida e o embaralhamento do tempo *Chronos*, aparentemente linear, saturado de memórias atemporais e conversas *Kairos*.

Nesse contexto *'chronoskairós'* uma de nós, teve a oportunidade de conhecer o trabalho do artista alagoano Jonathan de Andrade, *"Com o coração saindo pela boca"*, na 59ª Bienal de Artes de Veneza, ocupando o pavilhão brasileiro com obras que se relacionam com algumas metáforas e expressões linguísticas cotidianas, usando as partes do corpo como personagens conceituais (DELEUZE, 1996).

A performance artística que Jonathan tece com aquele pano vermelho enorme, saindo da grande boca, ia envolvendo e apertando o pavilhão, fazendo nosso corpo todo sentir o coração saindo pela boca. Na entrada e na saída, duas orelhas gigantes nos recebem como grandes portas, uma alusão a *"Entra por um ouvido e sai pelo outro"*, outra obra do artista, uma referência a esse *'espaçotempo'* de avalanche de informações e *fakenews*. No *"dentrofora"* da Bienal somos literalmente envolvidos pelas metáforas: *sorriso amarelo, pé na bunda, da boca para fora, brilho nos olhos, pé na jaca, boca de siri, pé atrás, dedo na ferida, lamber os pés, partir o coração, borboletas no estômago, chacoalhar o esqueleto, dor de cotovelo, mãos à obra, morder a língua, barba de molho, unha de fome, corda no pescoço, sem pé nem cabeça*, algumas das 250 expressões mencionadas.

A exposição de Jonathan intriga, arranca suspiros e conversa muito com o que *'vemosouvimosentimospensamos'* em nosso grupo de pesquisa, a Pallasmaa (2011), um os autores que dialogamos, e seus questionamentos. Para ele, não existe a primazia da visão sobre os outros sentidos, existe a necessidade de buscarmos na pele, no corpo, em todos os órgãos sensoriais os modos de *'sentirestarver'* o mundo.

Baseada na potência dos encontros, a nossa metodologia de pesquisa costura nas práticas cotidianas inúmeras possibilidades de expansão e de criação coletiva, capaz de transformar aquilo que se imagina como ideal em diversos modos de fazeres e saberes. A partir desses Acontecimentos (DIAS, 1995), pandemia, pandemônio político, artes e culturas como resistência e com o coração saindo pela boca, organizamos três pesquisas acerca de redes educativas que se formam e nos formam em práticas escolares e não escolares de artes e culturas, buscando os *'conhecimentossignificações'* tecidos em algumas vivências, nas sensações e emoções experimentadas durante esse período, conversando com estudantes, professores, artistas e produtores culturais.

Foi no entrelaçamento do esperar da reconstrução da democracia com as crianças

do primeiro segmento do ensino fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro que surgiu a proposta de utilizar os nossos corpos como suporte de criações com as artes. Numa tentativa de reconhecimento, visibilização de múltiplas existências e valorização de nossas identidades e diferenças, retornamos às origens, aos povos originários. Voltamo-nos para uma composição de desenhos, afetos, memórias e novas histórias, proporcionadas pelos usos dos artefatos culturais e digitais que aprendemos a conviver diariamente durante o período de isolamento social.

Com um objeto simples encaixado no antebraço das crianças - rolinho de papel higiênico - experimentamos linhas, cores e formas das pinturas de alguns povos indígenas brasileiros. E com isso fomos atravessados por “blocos de sensações” que vão de encontro a um currículo normativo, que se transforma em práticas criativas, afirmativas e decoloniais, habitando os “entres” e rompendo com as estruturas dicotômicas das disciplinas.

Em suas dimensões ética, estética e política, as artes e os artefatos culturais são capazes de criar novos *‘conhecimentossignificações’*, *“Borboletas no estômago”*, novas formas de existência e atos de resistência que se afastam dos consensos, beiram o inesperado e o não planejado. Outras poéticas com os cotidianos, novos *‘fazeressaberes’* são acessados pelos *‘discentesdocentes’*. Desvios, encontros, fissuras, travessias e travessuras ... novas formas de lidar e sentir o mundo são possíveis com as artes!

Em outro canto da cidade, também em uma escola pública, crianças do segundo ano dos anos iniciais chegam eufóricas, esbaforidas com suas máscaras suadas. Correm a rampa como se nunca tivessem visto a escola, onde retornavam após quase dois anos. Em uma brincadeira em sala, entrelaçamos nossos pés a barbantes, como se fossem nossas redes se cruzando e partilhando de um mundo que estava começando. Esse ziguezaguear do barbante fez nossos olhares se cruzarem, nossos pés se embolarem e nossos sorrisos se alargarem, o que percebíamos mesmo com as máscaras.

Através das artes da vida, são nas lindezas das entretelas que forjamos múltiplas maneiras de *‘verouvirsentirpensar’* com os diferentes sentidos. “O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*” (CERTEAU, 2012, p.38), reconhecendo a beleza do inesperado que move o existir e nos leva a transcender para além do já conhecido, sabido, permitido. Fomos *‘vivendoouvindosentindopensando’* um dos muitos dias em que editamos nossos mundos *‘dentrofora’* de uma multiplicidade de histórias *‘nosdoscom’* os cotidianos da escola que, nesses últimos anos, mostrou-se de diferentes maneiras.

Ultrapassando os muros físicos da sala de aula, apesar de também frequentá-la, a última pesquisa se refere aos modos como os artistas se reinventaram a partir das necessidades do isolamento social, como as escolas usufruíram dessas experiências e o que desses *‘conhecimentosiginificações’* tem relevância no devir democrático que vivemos hoje.

Quando os espaços culturais foram fechados, sentimos nas conversas com artistas e produtores culturais movimentos necessários à sobrevivência ético-estética das artes durante a

pandemia e a preocupação na manutenção da interatividade como condição da realização artística. Trabalhar com “*processos de criação é simultaneamente aprendizagem construída e vivências de intersubjetivação presentes nas experiências de conceber, processar e articular formas, gestos, forças e dramática estético-poética*” (MEIRA, 2009, p.33). Essas novas maneiras de ‘*fazersentirfruir*’ manifestações artísticas, ainda que mediadas por uma tela, desenharam outras tatuagens, produziram múltiplos atravessamentos culturais, sejam nos teatros, salas de estar ou salas de aula e provocaram novas e criativas formas de ‘*aprenderensinar*’. Essas programações puderam chegar em muitas telas e mesmo com as dificuldades de acesso decorrentes da desigualdade social do país, muitos estudantes e professores abriram janelas digitais para experiências outras.

Assim as artes permearam os encontros, as produções e as conversações “*Brilho nos olhos*” durante a pandemia. Os cotidianos escolares mudaram de cenário, atravessando redes de criação nos usos dos artefatos culturais, que se mostraram como ‘*prácticasteorias*’ inseparáveis do movimento de se apropriar, agir, pensar e estar ‘*nocom*’ o mundo.

Como primeiros resultados dessas pesquisas identificamos nos percursos das conversas, entre textos, imagens e sons, diferentes criações, muitas memórias e histórias, na busca de novos modos de ‘*verouvirsentirpensarfazer*’ currículos escolares e não escolares, aceitando o desafio de um devir mais democrático onde “*o mais brutal de todas as derrotas políticas que o fascismo nos impõe é o silenciamento da imaginação*”. (Saflate, 2022)

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam**. In ALVES, Nilda. Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019, p.115-134.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34,1996.

DIAS, Sousa. **Lógica do acontecimento: Deleuze e a filosofia**. Porto: Afrontamento, 1995.

MEIRA, Marly. **Filosofia da criação: sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: Mediação, 2009

PALLASMAS, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011

SAFATLE, Vladimir. **Manifesto A hora é Agora**. Acesso em 05/11/2022. Disponível em: <https://vladimirsafatle.com.br>

Site

<https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/bienal-de-veneza-de-2022-bate-recorde-de-publico>. Acesso
13/01/202